

A informação na comunicação e a comunicação na informação: convergência e mediatização no campo interdisciplinar ¹

Emilson Ferreira GARCIA JUNIOR²

Bruno de Araújo RIBEIRO³

Mariza de Oliveira PINHEIRO⁴

Universidade Federal da Paraíba, PB

RESUMO

A perspectiva interdisciplinar permite um cruzamento de idéias e a formação de uma nova cadeia de sentidos. Esse trabalho propõe uma reflexão acerca das relações de proximidade entre a Ciência da Informação e a Ciência da Comunicação, à luz da teoria desses dois campos e a partir de um enfoque multidisciplinar inerente à abordagem de ambas. Com o intuito de entender o arcabouço teórico das duas áreas, a investigação percorre a história dessas, com o objetivo de perscrutar os processos de consolidação dos seus respectivos campos científicos, o intercâmbio das áreas de estudo e a convergência tecnológica que suscita novos rearranjos conceituais na informação e na comunicação. No contexto contemporâneo permeado pela convergência das mídias e por novas possibilidades de interação, torna-se fundamental discutir como tais aproximações conceituais suscitam novas abordagens e dinâmicas científicas.

PALAVRAS-CHAVE: Informação. Comunicação. Ciência da Informação. Ciências da Comunicação.

Introdução

A busca pela relação de interdisciplinaridade é uma constante na História da Ciência moderna. Especificamente a epistemologia interdisciplinar visa a uma integração de saberes como um método condutor para alcançar o conhecimento. Neste campo de estudo, Souza (2011, p. 84-85) enfatiza a importância de se considerar as condições e as possibilidades do espaço institucional da sua produção. Sobretudo, deve-se compreender a autonomia relativa dos campos disciplinares científicos. Portanto, segundo este autor, a perspectiva epistemológica interdisciplinar alude a uma concepção

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Professor Substituto na área de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na educação –Campus Sumé/PB- Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e professor do curso de jornalismo das Faculdades Integradas de Patos –(FIP). Mestre em Ciência da Informação (UFPB). Email: emilson.uepb@gmail.com.

³ Professor de comunicação na Faculdade Maurício de Nassau- João Pessoa-PB. Mestre em Ciência da Informação (UFPB). brunoribeirorp@gmail.com

⁴ Professora Efetiva do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestra em Ciência da Informação (UFPB). mariza_pinheirop@yahoo.com.br.

de ciência como prática cultural de conhecimento contingente, histórica e socialmente situada.

Pombo (2003) aprofunda o debate acerca da Epistemologia Interdisciplinar e apresenta uma proposta de definição. Compreendendo-a na perspectiva de convergência de pontos de vistas, ou seja, de complementaridade, do cruzamento, da combinação entre disciplinas. Destaca três aspectos importantes: o aparecimento de um movimento de reordenação disciplinar (ciências de fronteiras – disciplinas *híbridas*; interdisciplinas – disciplinas científicas com o campo industrial e organizacional; interciências – polidisciplinas) que emergiu na segunda metade do século XX; à emergência de novas práticas na produção científica (de importação; de cruzamento; de convergência; de descentração; de comprometimento) e, o esforço de teorização para a criação de um novo modelo ou paradigma científico (antropológico; metodológico; epistemológico; ecológico).

Na Ciência da Informação, a dimensão da informação se dá na geração, tratamento, armazenamento, acesso e uso. Em sua essência, busca-se perscrutar as lógicas do fluxo de geração e transferência, que ocorrem desde a noção de dado até as primeiras percepções. A informação nas Ciências da Comunicação é uma notícia que busca detalhar determinado fato. Nesse caso, há uma anunciação que possibilita conexões a partir da delimitação espacial/temporal e do exercício contextual.

Conforme (WOLF, 2003), no processo comunicativo, a organização da informação na pesquisa, deve concentrar-se em uma das seguintes interrogações, baseado no modelo lasswelliano⁵: quem? Diz o que? Através de que canal? Com que efeito? A teoria de Lasswell foi considerada uma evolução, devido às limitações da teoria hipodérmica (teoria da ação na perspectiva da psicologia behaviorista), sendo transformada em teoria da comunicação com estreita ligação com a teoria da informação. A comunicação na Ciência da Informação, por sua vez, está inserida nas mensagens, ou seja, na informação transmitida. Há até um antagonismo e uma complementaridade entre os dois termos.

Neste aspecto, SILVA (2006, p. 83) destaca os sentidos de ambos, em que *Informar e informação* etimologicamente significa ação de formar, de fazer, fabricação, em geral, ato ou efeito de informar(-se). E, *comunicação*, a ação de comunicar-se, de

⁵ Foi criado por Harold Lasswell (Estados Unidos – 1902-1978) cientista político e teórico da comunicação em 1948.

partilhar, de dividir, *grosso modo*, transmitir a informação, o seu conteúdo e receber outra mensagem como resposta, por extensão, conversação, comunicabilidade.

Conforme Paiva (2002, p.3), as reflexões teóricas sobre a informação e a comunicação são apreendidas “nos limites de um campo homogêneo, nas chamadas “Ciências da Informação e da Comunicação”. Elas definem um domínio do conhecimento que abrangem diferentes enfoques. São compreendidas por natureza polifônica e pluralista.

Segundo Bazi (2007, p. 7) “a informação pertence à esfera da transmissão (emissor-destinatário), enquanto a comunicação é intersubjetiva, nasce na experiência particular e singular dos indivíduos”. Neste sentido, para ele a informação é uma realidade relativa e compreende um conjunto de acontecimentos. A ênfase da comunicação é no estímulo-resposta (entre pessoas).

Dessa forma, esse artigo visa refletir a inter-relação entre esses os *campos* da Informação e Comunicação. Perceber suas proximidades históricas, as interfaces com outras áreas de conhecimento, que gravitam em torno de seu núcleo epistemológico e da mediação conectadas pelas novas tecnologias. Adotar-se-á a metodologia da leitura interpretativa.

A partir dessas reflexões iniciais, o artigo propõe uma reflexão entre os campos da Ciência da Informação e Ciência da Comunicação. Visa verificar as proximidades teóricas dessas duas áreas, bem como perscrutar seus possíveis cruzamentos de sentido. Se a informação é a essência de um processo de absorção de significados (MELO, 1977), como ela se realiza nas Ciências da Comunicação? E como se constitui o fenômeno comunicacional na Ciência da Informação?

A comunicação e seu percurso histórico: entre significados e significantes

Em um contexto histórico, podemos atribuir a gênese dos estudos da comunicação a Platão e a Aristóteles, precisamente, pelo viés da linguagem em geral, da poética e da retórica, que lançou as bases para sistematizar o seu estudo, identificando-a como um dos elementos chave da [filosofia](#), junto com a [lógica](#) e a [dialética](#).

Na ciência moderna, que corresponde ao início do século XVII até o final do século XIX, marca uma revolução conceitual e metodológica que estabeleceram as bases para o desenvolvimento do conhecimento científico. Outro momento histórico para o campo nos remete ao I Congresso de Sociólogos, sediado em Frankfurt, em 1910,

que propõe a constituição de uma "sociologia da imprensa", evento que pode ser tido como precursor da chamada sociologia de comunicação.

Serra (2007, p. 10) explicita outro traço histórico considerado o momento inicial dos estudos de comunicação, no que diz respeito ao contexto institucional e acadêmico, diz respeito, a criação, em 1916, em Leipzig na Alemanha, do Instituto para o Estudo dos Jornais, fundada pelo economista político Karl Bücher. Somente no pós-guerra a comunicação passou efetivamente e de maneira articulada a ser vista como um campo próspero para o estudo de seus fenômenos, possibilitando assim se discutir pela primeira vez uma Ciência da Comunicação.

Ainda, para este autor, esse fato não implica dizer que antes da II Guerra Mundial não houvesse, já nos Estados Unidos, investigações relativas à comunicação mediatizada. Podem-se citar os estudos dos jornais e seu papel na integração dos imigrantes, assim como, na década de 20, um estudo de larga escala, promovido pelo Payne Fund, com a intenção de determinar os efeitos das comunicações de massa, precisamente dos cartoons, sobre as crianças. Apesar destes e de muitos outros estudos, a comunicação, enquanto fenômeno de massa, ainda não existia em um formato de campo acadêmico consolidado.

Acerca da compreensão da teoria da comunicação, Sodré (2012, p. 19) ressalta:

A crítica da Escola de Frankfurt à comunicação funcional, por ver na ascensão das indústrias culturais e dos monopólios da comunica o uma ameaça de inautenticidade – reifica o da produ o simbólica e supressão da capacidade crítica individual – perdeu força acad mica. Por um momento, a teoria da comunica o pareceu identificar-se totalmente com a *semiologia* (*semiótica*   uma designa o norte-americana).

Convergindo nessa dire o, evidencia-se a teoria geral dos signos sugerida pelo linguista Ferdinand de Saussure, que antecedeu as formula es das bases teóricas da semiologia de Roland Barthes aplicadas às análises dos produtos da indústria cultural sob a égide dos mitos e ritos comunicacionais. A partir de então, outros autores modelaram a semiologia de Saussure como referência para disciplinas como a linguística, a antropologia estrutural, a psicanálise e a análise marxista dos processos produtivos. De todos os modos e atrelado a várias correntes, a adesão da semiologia se alicerça na hipótese de que um sistema de comunica o   sempre isomorfo   linguagem humana.

Nesse sentido, a natureza epistemológica, a que carece essa nova proposta, encontrará respaldo no círculo filosófico francês, basicamente, através do método estruturalista à fenomenologia, na formação de um estruturalismo semiológico. Os fenômenos linguísticos são entendidos como fenômenos de comunicação, e a linguagem natural dos homens entendida como códigos utilizados na transmissão de mensagens. Se formos mais adiante, podemos conceber que toda vida social é um processo de troca de sinais. Tal afirmação vai de encontro a antropologia estrutural, tal como definida por Lévi-Strauss, mas com um viés reducionista à semiologia.

O estruturalismo se caracteriza como método comparativo que tem base o conceito matemático de estrutura, tendo em seu escopo um conjunto de relações essencialmente formais, que se diferem conceitualmente da fenomenologia presente no paradigma dos efeitos dos estudos de comunicação. É o que mostra Sodré (2012, p. 20):

Essa consolidação para o campo, conforme Serra (2007) se dá a partir da concepção da sociologia funcionalista do pós-guerra, tendo em vista que, até então, os estudos de comunicação, especificamente focado nos media, se davam por meio das ciências sociais, ou de outras bases acadêmicas, que viam, no fenômeno comportamental da audiência, uma área propensa para o estudo de conceitos, hipóteses e teorias provenientes de suas próprias disciplinas.

Dessa forma, os estudos comunicacionais sugeridos por esta sociologia têm sua sagração por meio da clássica formulação de Lasswell (1948): *Quem diz, o quê, por que canal, a quem, e com que efeito?* Forjando, assim, o chamado paradigma dominante nos estudos de comunicação.

No que tange a essa sociologia funcionalista e à consolidação do que vem a ser o paradigma dominante da ciência da comunicação, a teoria matemática da comunicação também exerce fundamental importância, assim como ressalta Serra (2007, p. 14).

Para além da sociologia funcionalista da comunicação, o outro elemento teórico importante na definição e consolidação do “paradigma dominante” é como refere McQuail, a Teoria Matemática da Comunicação de Claude Shannon e Warren Weaver.

A influência desta teoria, e/ou a interpretação desta, permitiu aos cientistas sociais a formulação de suas próprias teorias da comunicação. Os modelos, e, conseqüentemente, as teorias subjacentes que permeiam a linguagem utilizada e os elementos que a pluralidade de modelos atribui são parte da comunicação. Os elementos são: emissor, codificação em sinais ou símbolos, mensagem, canal, meio, receptor,

relação, decodificação dos sinais ou símbolos, código, referência, efeitos, etc. (SERRA, 2007)

De modo geral, conforme Serra (2007), o paradigma dominante pode ser caracterizado pela enumeração de vários pontos de vista, a saber: político - ideal de sociedade liberal e pluralista; sociológico - na perspectiva funcionalista; comunicacional - pelo modelo de transmissão linear de efeitos; pela teoria dos media - nas modificações por relações de grupo; metodológico - pela investigação quantitativa e análise das variáveis.

Como vimos anteriormente, o desenvolvimento dos estudos em comunicação, segundo Serra (2007) tiveram seu ponto de partida através da sociologia funcionalista e, posteriormente, do que veio a ser uma sociologia da comunicação. Por consequência, o campo epistemológico, acadêmico e institucional desses estudos efetuou-se, basicamente, nos departamentos de sociologia das grandes universidades dos Estados Unidos. Nesse processo de consolidação, o fenômeno dos efeitos focado nos meios de comunicação em massa surge como a primeira problemática do campo, constituindo, assim, o paradigma dominante, que abriga não só traços funcionalistas, mas também um caráter sociológico.

Contudo, logo que firmado, este paradigma atraiu inúmeras críticas, a maioria delas, por sua natureza reducionista dos estudos da comunicação. Do ponto de vista epistemológico, reduz o estudo da comunicação à sociologia da comunicação, à comunicação de massa e à sociologia dos efeitos. Na ontologia, exclui outros problemas importantes no estudo da comunicação, dando ênfase a comunicação de massa e seus supostos efeitos. Na metodologia, por priorizar o método empírico e estatístico. E do ponto de vista político, reduz a comunicação e aos *media* a instrumentos de integração, estabilidade e consenso. (SERRA, 2007)

Nesta visão, a comunicação emerge inteiramente funcional, ou seja, vista apenas como um instrumento (rádio, jornal, revista, televisão, internet e outros) a ser observado e estudado, ou, de forma mais reducionista, como ferramenta, para a resolução de um problema disciplinar, ou ainda como um fenômeno que procura analisar a multiplicação dos dispositivos informacionais na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, a hegemonia do paradigma dominante, ou paradigma dos efeitos, perdeu força na última década do século passado dando lugar à constituição de outro paradigma. Para Kuhn (2013) é aceitável o pressuposto que as diferenças entre

paradigmas sucessivos são ao mesmo tempo necessárias e irreconciliáveis. Em cada pesquisa a interpretação pressupõe um paradigma. Neste sentido, definindo-o o cientista identifica os dados e define os instrumentos a serem usados para estabelecer novos conceitos, e novas teorias.

De entendimento diferente, Domingues (2004, p. 51) restringe as análises do conceito de *paradigma* aos aspectos epistemológicos. Destaca alguns modelos nas ciências humanas. Para este autor, o termo no sentido intelecto-científico é “algo tido como exemplar, cujo princípio ou procedimento pode ser estendido de um campo de saber para outro ou de uma disciplina para outra”. Ao aproximar o conceito da teoria dos sentidos, faz a distinção entre ‘paradigma’ e ‘modelo’ que caracterizam as ciências em geral, em que o campo das atividades científicas comporta:

- 1) uma dimensão teórica em cujo interior se formula o problema a ser investigado, se postula algo a respeito da realidade, se elege uma parte ou segmento do real como elemento ou princípio explicativo – uma força, um ente, um objeto; 2) uma dimensão metódica, instalada pela teoria e guiada por ela, a qual se encarregará, entre outras coisas, de contrastar a teoria em relação à realidade, servindo-se de técnicas e de procedimentos apropriados. (DOMINGUES, 2004, P. 52).

É fato que o contexto do século XXI é caracterizado por um fluxo constante e intenso de produção do conhecimento, que geram novas disciplinas. É visível que desde o século XX, o número de cientistas superou a soma ao longo da história da humanidade. O crescimento do conhecimento, em conjunto com as revoluções das ciências e das técnicas é responsável por mudanças significativas que marcaram e assinalam a necessidade de pulverização do saber. Como alternativa Domingues (2004, a), aponta a possibilidade da ultra-especialização disciplinar e a aproximação destas com campos de conhecimentos diversos. O resultado gera as abordagens multi, inter e transdisciplinares.

É necessário ressaltar que atualmente, por mais que existam algumas tentativas isoladas, o campo continua tão ambíguo quanto em seus momentos iniciais, o que é essencialmente observado pela afirmação de Sodré (2012, p. 8):

Estamos buscando afirmar uma ausência de condições objetivas, reforçada inclusive pela própria especificidade do saber comunicacional, que torna difícil a distinção entre *episteme* e a realidade prática das tecnologias da comunicação, em que se expandem mais *competências* (o *saber fazer* prático) do que conhecimentos no sentido abstrato.

Acumulando uma variedade de estudos com temas imagináveis, o campo de conhecimento que abriga os estudos de comunicação sofre, pelo menos, em termos acadêmicos, de uma percepção fragmentada, que é característica do funcionalismo comunicacional e que, conseqüentemente, transfere-se em uma variedade de competências academicamente reproduzidas, em parte relacionada à indústria midiática, e em outra, ao fenômeno comunicação/informação direcionado aos estudos culturais.

A construção do campo da ciência da informação: a natureza interdisciplinar

Para Smit; Tálamo e Kobashi (2004), o campo científico da Ciência da Informação, em início do século XX, estava em construção por não apresentar consenso quanto ao objeto e à delimitação. Conforme asseveramos inicialmente, há uma convenção comum que identifica uma constituição na área da interdisciplinaridade com conexão com diferentes disciplinas, tais como, Ciência da Computação, Psicologia, Administração, Biblioteconomia e Museologia, tendo-a como uma reunião de disciplinas e que revelam uma inconsistência teórica, associando à área uma abordagem a-histórica.

Por fim, concluem que as matizes teóricas da disciplina encontram-se entre a totalidade de uma disciplina compartimentada, oriunda da experiência da vida cultural e um projeto nas ciências parciais desconectadas umas das outras. Em síntese, a CI organiza-se através de um quadro de conceitos interligados a diferentes domínios. Remete-se a procedimentos práticos, sem definição de identidade especializada para se consolidar no campo científico e conferir para si um estatuto epistemológico próprio.

Radamés Linares (2010) assevera que a configuração epistemológica da Ciência da Informação, no final do século XX e início do XXI, é marcada por rupturas e redefinições. Uma das significativas transições foi as transformações da sociedade industrial norte-americana, que passou de pós-industrial para a chamada *sociedade da informação*. As novas condições tecnológicas que surgiram caracterizaram-na pela relação entre tecnologias da informação e a comunicação em todas as esferas da vida social, convertendo-a em fonte fundamental de produtividade e poder.

Com enfoque contemporâneo, Saracevic (1996) define a Ciência da Informação como um campo dedicado ao científico e à prática, voltado para os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e seus registros no contexto institucional ou individual. Para ela, a compreensão do processo informacional e a comunicação deste, inclusive de

torná-lo mais acessível, são problemas que não podem ser resolvidos no âmbito de uma única disciplina. Os problemas complexos que envolvem o fenômeno informacional demandam enfoques interdisciplinares e soluções multidisciplinares. A variedade de profissionais envolvidos no debate contribuiu para a introdução e permanência do objeto interdisciplinar na Ciência da Informação.

Neste sentido, apesar das mudanças cultural, econômica e tecnológica provocarem alterações epistemológicas no campo da Ciência da Informação, o campo ainda é considerado indefinido pelos estudiosos. E, conforme Le Coadic (2004), as perspectivas não são mais as mesmas das embrionárias disciplinas (Biblioteconomia, Museologia, Documentação e o Jornalismo), que atuaram no campo da informação e apontaram suportes metodológicos práticos para organização, classificação e disseminação voltados para o livro, o documento, o museu, e o objeto, mas, sobretudo, hoje, necessita direcionar-se para a informação.

O fato de a informação cruzar as fronteiras históricas das disciplinas tradicionais é evidente, a relação entre elas. A interdisciplinaridade traduz-se por uma colaboração entre diversas disciplinas em que nas suas interações e reciprocidades haja um enriquecimento mútuo, sendo a forma mais simples de ligação o isomorfismo, a analogia. (LE COADIC, 2004, p. 20).

Sob o aspecto da prática interdisciplinar, Japiassu (1981, p. 81) assevera que “se apresenta como um princípio novo de reorganização epistemológica das disciplinas científicas e de reformulação das estruturas pedagógicas de seu ensino”. Sobretudo, para o autor, o viés epistemológico interdisciplinar exige um processo de interpenetração das disciplinas, a complementaridade dos métodos, dos conceitos, das estruturas e dos axiomas para que se fecundem as diversas práticas científicas. E, estas correspondam à unidade de saber como meta para o progresso científico. Dessa forma, sendo a informação um objeto desencadeador de sentidos nos interessa compreender as afinidades desta com a comunicação, e que redes de organizações e relações de sentido ligam-nas na perspectiva científica?

Informação e comunicação: relações de sentido

Segundo Freire (2006), a perspectiva científica da informação foi uma inovação no campo da produção e comunicação do conhecimento que possibilitou a criação de tecnologias de informação que se desenvolveram e continuam a evoluir ainda hoje.

Anteriormente a ênfase era no armazenamento e na disseminação, posteriormente, o desafio passou a ser a distribuição do que seria útil para a sociedade. Para esse fim, são necessárias condições básicas, tais como, ambiente social (contexto que possibilite a comunicação - transmissão); agentes no processo; de comunicação (emissor e receptor); canais (circulação da informação).

Conforme Le Coadic (2004, p. 4), “a informação é um conhecimento inscrito (registrado), em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte”. É um elemento que comporta complexos sentidos (sistema de signos) que associa um significante a um significado, transmitido através de um artefato, ou suporte espacial-temporal.

Conforme este autor, a comunicação é um processo, um ato, um mecanismo intermediário que permite a troca de informações, sendo esta um produto, uma substância, uma matéria. McGarry *apud* Silva (2008) enfatiza que não há consenso entre os especialistas sobre onde termina a informação e começa o conhecimento. Ambos estão incorporados na linguagem (seja qual for).

Assim sendo, “informação e Comunicação – interpenetram-se profundamente, sem, no entanto, se confundirem”, alerta Silva (2008, p. 42), embora para a informação seja útil as abordagens operadas no âmbito da Ciência da Comunicação, através da reprodutividade (a memorização) e da transmissibilidade estudadas a partir do chamado comportamento informacional. Para ele, a informação distingue-se, sem se separar do conhecimento e da comunicação. É um fenômeno humano e social, susceptível de ser conhecido cientificamente. Não se reduz a um mero fato, a uma notícia ou a qualquer dado de conhecimento. Sobretudo, a informação engloba impressões, emoções, sentimentos (des) codificados. A relação entre informação e comunicação é histórica e a complexidade das conexões e concepções suscitam um maior aprofundamento.

A comunicação na sociedade da informação: convergência e midiaticização

Em uma sociedade permeada pela influência tecnológica, em que avançadas ferramentas digitais possibilitam uma interação de forma instantânea e rápida, torna-se fundamental interpretar como se constitui e se difunde a informação na era da convergência das mídias (JENKINS, 2007). Apesar das visíveis e discutíveis limitações, um dos legados da globalização é a democratização do saber, que perpassa a frequência dos fluxos da informação, que soma habilidades e competências na interação entre o

sujeito e o sistema. Kobashi e Tálamo (2003) sintetizaram como consequência dessa trajetória a geração da inclusão e da cidadania plena.

É bem verdade que tal fato é recorrente de um aspecto histórico, frise-se, intrinsecamente ligado à comunicação. Levy (1999) define esse percurso evolutivo repleto de símbolos em cinco estágios, a saber, “a oralidade (memória oral), a escrita (signos ideográficos), o alfabeto (universalização e digitalização da escrita) os meios de comunicação de massa (informação e democracia) e o ciberespaço (capacidade de ação autônoma)”.

Nessa perspectiva, busca-se aqui interpretar o vínculo conteudístico entre a Ciência da Informação e as Ciências da Comunicação na atual dinâmica de apropriação e compartilhamento informacional em larga escala, em que o receptor intervém e é também produtor de *informação* a partir de suas ações em determinado meio de *comunicação*.

A Ciência da Informação tenta contemplar o modo pelos quais conteúdos podem ser “acessados, manejados e entendidos” (SARACEVIC, 1995, p. 20). Esse “tratamento” visa a constituição de sentidos em um fluxo *mediado* cuja pretensão é viabilizar contínuas relações entre “círculos informacionais e produção do conhecimento”.

Barreto (2002) aprofunda a discussão em torno desse tema, ao relatar a existência de um espaço de mediação que agrega todos os elementos informacionais, bem como os estoques e as possibilidades de transferência. Além disso, segundo o autor há uma ressignificação física e temporal.

As novas tecnologias de informação e comunicação, que modificaram aspectos fundamentais, tanto da condição da informação quanto da condição da comunicação. Estas tecnologias intensas modificaram radicalmente a qualificação de tempo e espaço das relações entre o emissor, os estoques e os receptores da informação (BARRETO, 2002, p.8).

Barreto (2002, p.9) ainda reflete acerca dos mecanismos do ciberespaço, que em sua concepção “é o espaço do conhecimento interativo em comunidades de objetivos comuns”. Essa realidade em rede é o mais amplo “espaço público mediado” (BOYD, 2007) e suas principais características são a acessibilidade e a interatividade. Dessa forma, essa dimensão interligada por noções de pertencimento e contínuas produções e reproduções, sendo desterritorizada em suas extensões onde a informação é transmitida “com todos e cada um” (LEVY, 1998).

Não há lugar para uma comunicação centrada em um caráter unilateral, a partir de um centro de emissão que, muitas vezes, não leva em consideração os múltiplos contextos e os estímulos decorrentes. A geração, o processamento e a transmissão de informação tornam-se a principal fonte de produtividade e poder (CASTELLS, 1999).

É no todo comunicacional que vão se constituindo as significações, através da relação entre comunicação e contexto, mas principalmente na relação entre mídias e pessoas, grupos e classes. Há uma confluência de pertencas que realiza uma produção simbólica de maneira exponencial e que reconfigura de modo significativo o *ethos* midiático numa progressiva ação de compartilhamento de subjetividades (SODRÉ, 2002).

A polissemia tecnológica impulsiona a formação do “espec-ator”, que, inserido em uma ambiência informacional, vê-se motivado a repartir “conteúdo”, que alcançam rapidamente, significativa ressonância em uma cadeia transmidiática, que favorece na formação de movimentos identitários. (JENKINS, 2007)

Enfim, esse transcurso afeta a geração de sentidos, a partir das mensagens propagadas e dos mecanismos utilizados, o que compõe métodos discursivos e divergentes espécies de enunciação, que possibilitam a alteração da realidade.

Considerações finais

De acordo com Souza (2011), toda e qualquer integração disciplinar gera necessariamente interdependências simétricas e assimétricas e, no domínio complexo da epistemologia interdisciplinar, as características dessas relações se alternam conforme o nível de consolidação epistemológica dos campos científicos envolvidos. O campo científico da Ciência da Informação é recente e o escopo teórico-metodológico ainda se encontra em estágio incipiente.

O vínculo entre a Ciência da Informação e as ciências da comunicação é de forma contínua (re) significado, seja no percurso histórico ou nas relações com os suportes/ meios tecnológicos. As proximidades teóricas que permeiam os dois campos tentam convergir com uma nova dinâmica informacional.

Nessa perspectiva, já há uma superação do que se tinham como principal obstáculo para uma inter-relação, que era a noção do “sujeito” como mais um ente manipulável em meio uma massa amorfa frente a influência dos meios de comunicação.

Enquanto que a Ciência da Informação, já visualizava a abrangência de um potencial produtor de conhecimento.

O escopo da Ciência da Informação está na sua geração, na transferência e no uso da informação. Nas Ciências da Comunicação, o seu centro de análise é a difusão das mensagens em suas mais diversas dimensões de construção de emissão e recepção. Essa direciona as suas atenções a toda uma estrutura marcada por aspectos que envolvem audiência e formação da notícia, ao mesmo tempo, aquela busca compreender a organização, a delimitação do conhecimento documentado e as relações do sistema/usuário.

O cruzamento entre esses campos está essencialmente atrelado a uma lógica de produção de informação, que ao ser introduzido em um canal de comunicação disponível, viabiliza um encadeamento de significados, também recuperáveis.

Em uma conjuntura de visibilidade midiática, é oportuno também interpretar como se consolida essa perspectiva. O computador e sua rede mundial é uma ferramenta que transcende um valor de transmissão e se encaixa como um instrumento que não propicia uma seleção na íntegra, devido a sua abrangência, porém, oportuniza um alcance maior do conhecimento.

Como bem ratifica Brambilla (2004, p.12), “ao entender que toda a informação, para ser válida, deve ser passível de intercâmbio, pode-se afirmar que a comunicação faz parte da informação”. Os novos cenários de fomento a interdisciplinaridade provocam transformações conceituais, e na era da convergência tecnológica, essa premissa se traduz assimilável e indispensável.

Referências bibliográficas

AQUINO, Mirian de Albuquerque. O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. p. 165-197.

BARRETO, A. A. **A condição da informação**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002.

BAZI, Rogério. **Produção da informação nos campos da Ciência da Informação e da Comunicação jornalística**: possíveis interfaces. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 18, p. 1-14, janeiro/maio 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/6733/4035>. Acesso em 22 de agosto de 2015.

BOYD, D. “**Social Network Sites: Public, Private, or What?**” In: Knowledge Tree 13, May, 2007.

Disponível em: http://kt.flexiblelearning.net.au/tkt2007/?page_id=28. Acesso em 09/06/2014.

BRAMBILLA, Ana Maria. **Comunicação e informação: diálogos possíveis**. Porto Alegre, jul. 2004. Disponível em: http://ambrambilla.blaz.com.br/teorias_info_com.pdf. Acesso em: 27 abr. 2014.

CAPURRO, Rafael. O conceito de Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr.2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/54/47>. Acesso em: 22 abr. 2014

_____. **Angeletics: A message theory**. En: DIEBNER, Hans H.; RAMSAY, Lenhan (Eds.) HIERARCHIES OF COMMUNICATION. Karlsruhe: ZKM – Center for and media, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/angeletics_zkm.html. Acesso em 22 de agosto de 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. v.1 São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLUMBIÉ, Radamés Linares. **Epistemología y ciencia de la información: repensando un diálogo inconcluso**. Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud, v. 21, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.acimed.sld.cu/index.php/acimed/article/view/52/18>>. Aceso em: 17 julho de 2014.

COLUMBIÉ, Radamés Linares. **Epistemology y ciência de la información: repensando um diálogo inconcluso**. Acimed.2010; 21(2)140-160. Disponível em: <http://scielo.sld.cu/pdf/aci/v21n2/aci02210.pdf>. Acesso em: 19/07/2014.

DOMINGUES, Ivam. **Formas de racionalidade e estratégias discursivas nas ciências humanas na contemporaneidade**. In: _____ EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS. São Paulo: Edições Loyola, 2004. Tomo I: positivismo e hermenêutica: Durkheim e Weber. P. 31-163.

_____. **Em busca do método**. In: Conhecimento e transdisciplinaridade. Belo Horizonte: Ed. UFMG/IEAT, 2004^a, p. 17-40.

FREIRE, Gustavo Henrique. **Ciência da informação: temática, história e fundamentos**. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 11, n. 1, p. 6-19, jan./abr.2006.

JAPIASSU, Hilton. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981. (série Loteca)

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna boeira e Nelson boeira. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Debates, 115)

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Tradução Maria Yeda F. S. de Figueiras Gomes. 2. ed. rev. E atualização – Brasília, DF: Briquet de Lemos/ Livros, 2004.

LENOIR, Timothy. **A disciplina da natureza e a natureza das disciplinas**. In: Instituinto a ciência: a produção cultural das disciplinas científicas. Tradução de Alessandro Zir. São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2004.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MELO, José Marques de. **Comunicação Social: teoria e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1977.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. **O campo híbrido da informação e da comunicação.** In: Recensio – Revista de Recensões de Comunicação e Cultura. UFPB, 2002. (Texto da Biblioteca Online de Ciências da Comunicação). Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-campo-hibrido-informacao-comunicacao.html>. Acesso em 22 de Agosto de 2015.

POMBO, Olga. **Epistemologia da Interdisciplinaridade.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINARIDADE, HUMANISMO, UNIVERSIDADE. Faculdade de Letras: Porto/Portugal, 2003. Anais. Disponível em: http://www.uesc.br/cpa/artigos/epistemologia_interdisciplinaridade.pdf. Acesso em: 22 de agosto de 2015.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. **História da ciência:** a ciência moderna, v. II, Tomo I, 2ª Ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

SARACEVIC, Tefko. **Ciência da Informação:** origem, evolução e relações. Perspectivas em Ciência da Informação. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun.1996

SERRA, Joaquim Paulo. **Manual de Teoria da Comunicação.** Universidade da Beira Interior. Corvilhã/Portugal, Livros Labcom, 2007. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824-serra_paulo_manual_teorias_comunicacao.pdf. Acesso em: 20 de agosto de 2015.

SILVA, Armando Malheiro da. **A informação:** da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico. Porto/Portugal: Edições Afrontamentos, 2006. (cetac-centro de estudos das tecnologias, artes e ciência da comunicação- coleção Comunicação, Artes e Informação).

SILVA, A. M; RIBEIRO, F. **Noções fundamentais:** In: _____. Das “ciências” documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular. 2.ed. Porto, Portuga: Edições afrontamento, 2008. Cap. 1, p. 21-43.

SMIT, Johanna W.; TÁLAMO, Maria de Fátima G. M.; KOBASHI, Nair Y. **A determinação do campo científico da Ciência da Informação:** uma abordagem terminológica. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação - v.5 n.1 fev/04 artigo 03. Disponível em: http://www.dgz.org.br/fev04/Art_03.htm. Acesso em: 19/07/2014.

SODRÉ, Muniz. **Epistemologia da Comunicação.** Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, Edivânio Duarte de. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da informação:** dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar. Belo Horizonte, 2011. Tese. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-8P2JNH/epistemologia_interdisciplinar_edivanio.pdf?sequence=1. Acesso em 19/07/2014.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** Tradução, Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 8ª Ed. Lisboa/Portugal: Editora Presença, 1999. Disponível em: http://jornalismoufma.xpg.uol.com.br/arquivos/mauro_wolf_teorias_da_comunicacao.pdf. Acesso em 22 de Agosto de 2015.